



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
JENNIFER MOREL HARTMANN

**Identidades trans\* em pauta: Representações sociais de transexuais  
e travestis no telejornalismo policial brasileiro contemporâneo**

Florianópolis

2014



JENNIFER MOREL HARTMAN

IDENTIDADES TRANS\* EM PAUTA: REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO  
TELEJORNALISMO POLICIAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Monografia submetida à banca examinadora  
como requisito obrigatório para obtenção do  
grau de Bacharel em Jornalismo.

Acadêmica: Jennifer MorelHartmann

Orientadora: Profa. Dra. Aglair Bernardo

FLORIANÓPOLIS

2014



Jennifer MorelHartmann

**IDENTIDADES TRANS\* EM PAUTA: REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO  
TELEJORNALISMO POLICIAL BRASILEIRO  
CONTEMPORÂNEO**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de  
bacharel e aprovada em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 3 de julho de 2014.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aglair Bernardo

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cárlida Emerim

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª Dr.ª Miriam Pillar Grossi

Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família por estar presente em todos os principais momentos da minha vida. Meus irmãos por serem meus pais quando precisei, meu pai por me apoiar sempre que necessário e minha mãe por ser minha melhor amiga, professora e referência.

À minha orientadora, que mesmo em tempos difíceis me ajudou a tirar o melhor do meu trabalho.

A todos os amigos que estiveram presentes neste momento, me ouvindo, aconselhando e ajudando sempre que necessário.





## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, uma monografia, tem como objeto de estudo a representação de identidades trans\* no telejornalismo policial brasileiro. Transexuais e travestis têm uma grande invisibilidade social e quando aparecem em reportagens televisivas normalmente são em matérias que evidenciam suas identidades de gênero. O objetivo é observar como estes sujeitos são representados em programas policiais do telejornalismo brasileiro. O principal conceito que orienta a pesquisa é o de representação social de Serge Moscovici. Como objeto empírico, tomamos reportagens de programas policiais que utilizem travestis e transexuais como fontes ou foco principal. Para realizar este estudo, o procedimento metodológico utilizado será a pesquisa bibliográfica sobre os temas representação social, identidade de gênero e narrativas juntamente com análise de reportagens.

**Palavras – chave:** Telejornalismo. Programas policiais. Identidade de gênero. Transexual. Travesti.



## **ABSTRACT**

This coursework, a monograph, has as object of study the trans identities representation in brazilian police telejournalism. Transsexuals and transvestites have a huge social invisibility and when they appear in TV reports usually are in reports that point their gender identities. The objective is to observe how these people are represented in police programs of braziliantelejournalism. The main concept that guides this research is the one of social representation of Serge Moscovici. As empirical object, we take police programs reports that use transvestites and transsexuals as source or main focus. To accomplish this study, the methodological procedure used will be the bibliographic research about the themes social representation, gender identities and narratives along with report analysis.

**Key words:** Telejournalism. Police program. Gender Identity. Transsexual. Transvestites.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1 IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE.....</b>	<b>14</b>
1.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO .....	14
1.2 TRANSEXUALIDADE, TRAVESTISMO E OUTRAS FORMAS DE TRANSGÊNERO .....	18
1.3 CIRURGIA E MUDANÇAS CORPORAIS .....	20
1.4 LINGUAGEM DAS TRANSEXUAIS E TRATAMENTO ENTRE SI .....	23
1.5 PRECONCEITO E VIOLÊNCIA .....	24
1.6 MERCADO DE TRABALHO PARA TRANSEXUAIS.....	26
<b>2 ANÁLISE DE REPORTAGENS ENVOLVENDO TRANSEXUAIS E TRAVESTIS .....</b>	<b>29</b>
2.1 REPORTAGENS ANALISADAS .....	32
2.2 RELAÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS E CONSTRUÇÃO DO DISCURSO .....	38
2.3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM AS NARRATIVAS EXAMINADAS .....	41
2.3.1 Apuração e filmagem .....	42
2.3.2 Relação entre texto e imagem.....	43
3.1 O QUE SÃO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	47
3.2 COMO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO AJUDAM A CONSTRUIR O SENSO COMUM .....	49

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
REFERÊNCIAS .....	60
CORPUS.....	63

## INTRODUÇÃO

Foi Laura quem me inspirou a fazer esta monografia. Filha de pai militar, com oito irmãos, se assumiu transexual aos 21 anos de idade, quando fazia um curso de cabeleireira e chegou em casa com o cabelo cortado estilo chanel, descolorido e as unhas pintadas. Expulsa de casa foi morar com uma amiga também transexual e começou a procurar emprego. Tinha boa qualificação profissional, curso de datilografia, informática no SENAC, técnico em administração e, mesmo assim, não foi aceita em nenhum dos mais de trinta lugares que procurou emprego, nem mesmo nos que já havia trabalhado. Foi a primeira vez que se deparou com o preconceito que enfrentaria dali em diante.

Na prostituição encontrou seu sustento financeiro e mais, o seu desenvolvimento sexual. Laura explica que nunca teve atração sexual por homens homossexuais e sim por homens heterossexuais e, no universo da prostituição, acabou encontrando parceiros que tinham atração por transexuais.

Durante o tempo que se prostituiu, Laura mudou de cidade inúmeras vezes, viveu em Goiânia, Brasília, São Paulo, Curitiba e até na Europa. A mobilidade alta se deve ao fato de que em mais ou menos três meses, o número de possíveis clientes em uma cidade se esgotava, já que eles buscam variedades quando procuravam por transexuais e não costumavam repetir o programa. Entre tantas idas e vindas, Laura conheceu o marido em Florianópolis, onze anos atrás, ele impôs a ela como condição para que ficassem juntos que ela saísse da prostituição. Ela então foi para a Europa trabalhar e economizar dinheiro para mudar de vida. Hoje, Laura estuda na Universidade Federal de Santa Catarina, trabalha e milita pelos direitos trans na cidade.

Quando conversei com ela sobre o tema ela me explicou que o preconceito fecha todas as portas para as pessoas transexuais, que são vistas como exóticas e erradas. Ela enxerga esse exotismo e deboche principalmente em programas policiais na televisão e em programas humorísticos destinados às classes mais baixas, como o Zorra Total, exibido semanalmente pela Rede Globo aos sábados à noite. Ela explica que o fato de não naturalizarmos pessoas trans\* como qualquer pessoa entendida comonormal, só implica em mais preconceito e em falta de

oportunidades, o que leva várias pessoas transexuais ao mundo da prostituição e, muito frequentemente, das drogas.

Dentro deste contexto, o objetivo desta monografia é observar a representação social de transexuais e travestis em programas policiais do telejornalismo brasileiro contemporâneo, explicando o que são as identidades trans\*, como elas dialogam com os estudos de gênero e como as narrativas contribuem na construção dessas representações.

O referencial teórico principal desta monografia é o livro *Representações Sociais* de Serge Moscovici. Para entender como são representadas as transexuais em programas policiais no jornalismo contemporâneo vamos utilizar das definições e dos estudos de Moscovici acerca das representações sociais e do senso comum. Estas representações podem ser definidas como o senso comum e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros, também são sustentadas pelas influências sociais da comunicação (MOSCOVICI, 2009).

Outro assunto importante estudado para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica é identidade de gênero, ainda um tema confuso para muitos, tendo definições variadas. A primeira pessoa a estudá-la foi Robert Stoller em 1964, que explica que a identidade de gênero se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica, isto é, às sensações internas de pertencer ao gênero masculino ou feminino (COSTA, 1994, p. 11).

A partir disto, a transexualidade pode ser vista como a identificação de uma pessoa de um sexo com o outro sexo, a necessidade de se transformar fisicamente no sexo oposto por meio de intervenções estéticas e mudança do nome civil para o social. A transexualidade atravessa várias figurastransgêneros, como travestis, dragqueens e transformistas, como explica Sônica Maluf

A transexualidade [...] está presente para os travestis: muitos travestis fazem todo o caminho de começar a se vestir de mulher, tomar hormônios, implantar silicone até a cirurgia de troca de sexo. Mas muitos dragqueens também adotam os hormônios e acabam chegando na cirurgia, ou muito perto dela. Caberia talvez perguntar aqui o que significa esse trans do sexual. Quais



os limites? Existe o verdadeiro transexual? O transexual que faz a cirurgia de troca de sexo é mais mulher ou menos homem que o que não faz? Mas a transexualidade pode ser também praticada por pessoas que não fazem parte do mundo drag e transformista e que, não estando satisfeitas com a sua identificação sexual e seu corpo, realizam a cirurgia de mudança de sexo (tanto para homens como mulheres). Um dos maiores problemas enfrentados pelos transexuais em geral é a dificuldade de mudar sua identidade legal. Seus documentos continuarão portando a designação do antigo sexo (MALUF, 1999, p.266)

Nesta monografia usarei os termos transexual, travesti, pessoas e mulheres trans\*. O trans\* com asterisco neste caso é um termo guarda-chuva que agrega todas as possíveis identidades transgêneros. A escolha por não utilizar apenas um termo é principalmente porque estes termos ainda estão em discussão mesmo dentro dos movimentos trans\*, portanto achamos adequado dar visibilidade a esta questão que vem sendo debatida há algum tempo, mas que ainda tem muito a ser estudado. Sobre os estudos na área e conclusões não definitivas, Costa (1994, p. V) afirma em seu livro que “A reunião das escalas que estamos propondo permitirá que você quando chegar à conclusão, gire esse “caleidoscópio” fazendo surgir as mais diversas “imagens” da sexualidade humana. Não estamos afirmando que essas “imagens” são definitivas. Mas são como nós as vemos hoje.”

Sobre a necessidade de mudança do sexo biológico por meio de intervenções cirúrgicas, algo fundamental para entendermos este universo, Millot (apud SOUZA LAGO, 1999, p. 19) explica que “Para um homem transexual, vestir-se de mulher é simplesmente se vestir conforme sua identidade [...] num homem transexual seu órgão é desinvestido sexualmente e não tem significação psíquica.”

Embora ainda haja muito preconceito e exotização, a história de homens que se vestem como mulheres e se identificam com o gênero feminino ou de mulheres que se vestem como homens é bem mais antiga, como apontado neste trecho

Carlos Drummond de Andrade evocou em uma crônica publicada no Jornal do Brasil uma lembrança infantil de começo do século. Um personagem de Itabira, imerso em brumas, uma mulher que vivia reclusa vestida de homem. Bem antes, Coelho Neto, em seu *O patinho feio*, contava a história do rapaz que voltava da Europa com a novidade de que virara mulher. Na década de cinquenta, um grupo de escritores e artistas de Salvador lotava Citroens que os conduziam a praias desertas, onde trajavam maiôs femininos em piqueniques dominicais. Na mesma década, a concorrida e itinerante Festa da Mocidade, misto de Parque de Diversões e show de coristas e artistas nacionais, armava no Parque 13 de Maio, em Recife, montanha-russa, roda-gigante e um grande palco ante cadeiras improvisadas sob um toldo. Dividiam as atenções humoristas, cantores, orquestra e coristas. E, entre as coristas, sincrônicas, uniformizadas em um só padrão de sensualidade e beleza, corria o cochicho na plateia, havia um rapaz. O intelectual já avançado em idade, que no interior de sua casa em Parati tornava-se regular e caseira senhora em seus vestidos longos. (SILVA e FLORENTINO, 1996, p. 105)

Este trabalho está dividido em três capítulos. Na primeira parte vamos abordar os estudos sobre identidade de gênero e transexualidade, relatando não só o que as pesquisas sobre gênero estão estudando, mas também expor conceitos de autores como Stuart Hall. Neste capítulo também vamos explicar como funciona o mercado de trabalho para pessoas trans\*, especificamente as mulheres trans\*, foco deste trabalho, e mostrar em quais contextos elas se encaixam e como usam a linguagem no dia a dia, fator fundamental nesta monografia já que na comunicação lidamos com a linguagem.

No capítulo seguinte faremos as análises das reportagens televisivas selecionadas para estudar como é desenvolvida a imagem e as narrativas destas. O corpus são reportagens do telejornalismo policial brasileiro contemporâneo que usem transexuais ou travestis como fontes para entender como é construída a imagem destas personagens por meio das reportagens, imagens e texto.

No último capítulo, por fim, vamos retomar a análise das reportagens e aliar ao referencial teórico, que são os estudos de Serge Moscovici sobre representações sociais, para entender como a imagem que essas matérias passam ajudam a construir o senso comum e o que essas matérias representam no quesito pensamento social. A hipótese desta monografia é que as imagens de transexuais e travestis nestes programas são em grande maioria ligadas à prostituição.

## **1 IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE**

### **1.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO**

Stuart Hall (2006) em seu livro *a Identidade na Pós-modernidade*, argumenta que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” Ele explica que “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (p. 13). Hall explica que os sujeitos têm diferentes núcleos de identificação com diferentes grupos e que a mudança estrutural das sociedades está fragmentando as classes sociais, de gênero, sexualidade, etnia, entre outras, que antes forneciam sólidas identificações dos sujeitos. (p. 9).

Partindo desse pressuposto entendemos que a identidade na pós-modernidade apresenta várias configurações possíveis, sendo a identidade de gênero uma delas. Robert Stoller, em seu livro *Masculinidade e Feminilidade*, foi o primeiro a cunhar e estudar o tema identidade de gênero. Como explica Stoller apud Costa (1994) quando falamos em identidade de gênero, nos referimos a essas sensações que estão dentro de cada um de nós e que podem vir para fora ou não. Sentimos pertencer ao gênero masculino ou feminino, que somos homens ou mulheres (p. 23). Ainda segundo Stoller (apud COSTA, 1994, p. 11) essa sensação interna, para se formar adequadamente, precisa passar por muitas fases onde entram fatores biológicos e sociais.

O fator biológico pode ser observado especialmente na mudança e adequação do corpo ao gênero com o qual o indivíduo se identifica e o social pode entrar, principalmente, na manipulação da linguagem, utilizando o gênero feminino para se referir a transexuais e travestis femininas e também na mudança do nome civil para o nome social, ambos discutiremos melhor adiante.

É importante destacar também que nossos gêneros se constituem nas nossas relações e são significados pela cultura e despregados dos sexos biológicos, embora saibamos que culturalmente sempre estarão referidos a eles, já que temos valores diferentes para feminino e masculino e atribuímos valores de comportamentos e funções diferentes para cada gênero em cada cultura. (SOUZA LAGO, 1999, p. 124).

O outro é fundamental neste processo de reconhecimento das identidades. É por meio dos outros que somos aceitos e ganhamos um significado na sociedade. Douglas Kellner (2001, p. 296) coloca essa perspectiva dentro da modernidade, onde o número de possíveis identidades aumenta e precisamos obter esse reconhecimento do outro para ter uma identidade socialmente válida. Kellner fala também sobre esses papéis, normas, costumes e expectativas socialmente definidos e que precisam ser escolhidos e reproduzidos para obtermos reconhecimento da nossa identidade.

O processo de feminilização das transexuais entra neste contexto de construção, afirmação e reconhecimento desta identidade dentro da sociedade que valoriza muito os corpos como identificadores de pessoas. Borba e Ostermann observam que:

As mudanças corporais elaboradas pelas travestis afirmam que identidade (especialmente a identidade de gênero) é uma questão de estilo de vida e escolha, não de essência. [...] esses processos demonstram que o corpo não pode ser considerado como um meio passivo sobre o qual significados sociais são impostos. Deve-se, pelo contrário, considerar o corpo como um participante ativo na construção de significados. Assim, ao manipular as formas masculinas de seus corpos, as travestis incorporam significados de gênero polimorfos que são perpetuados socialmente [...] (BORBA e OSTERMANN, 2008, p. 416)

Entendemos que o processo de construção da identidade é algo complexo, que depende da aceitação do outro, das expectativas da sociedade para cada tipo de identidade e que a identidade de gênero faz parte desta construção social também. Como explica Hall (2006, p. 8) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela está permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. Para entender esse processo de formação da identidade de gênero dentro do universo trans\* faz-se necessário compreender também quais são as expectativas da sociedade e dos indivíduos em relação aos papéis de gênero, sexualidade, gênero e como isso é desenvolvido.

O tema se torna complexo especialmente pela confusão que se cria em torno dos termos: sexualidade, gênero, sexo biológico, papéis de gênero e, por fim, identidade de gênero. Para explicar melhor, antes de conceituar os termos, a figura 1, apresentada por Costa (1994, p. V) em seu livro *os Onze Sexos*, demonstra a que aspecto dos indivíduos se relaciona cada um.



Figura 1

Sexo biológico se refere ao genital que portamos quando nascemos, sendo ele já portador de um conjunto complexo de significados, remetendo por si só ao paradigma masculino/ feminino; orientação sexual se define por qual sexo temos interesse, sejamos hétero, homo, ou bi. Os papéis sociais de gênero são o conjunto de expectativas socialmente atribuídas e construídas para cada indivíduo. Gênero, por fim, se refere genericamente ao masculino e feminino, de acordo com aspectos físicos, identidade psicológica e papéis definidos pela sociedade.

Para Costa a transexualidade se situa no conceito de identidade de gênero, comentando que “Um exemplo extremo de inadequação da identidade de gênero ao corpo biológico de nascimento são os

transexuais. Para eles, o corpo “é de um sexo e a alma é do outro”” (1994, p.12)

Portanto, a identidade de gênero se interliga com todos esses temas, mas não é necessariamente fruto de um ou outro fator. Hall (2006) fundamenta que “(A identidade) é definida historicamente, e não biologicamente. Conforme já tratado anteriormente, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (p. 12-13). Partindo deste pressuposto entendemos que a identidade de gênero não é dependente do fator biológico, ou seja, uma transexual que nasce homem, mas que se sente mulher e adota o corpo e comportamentos ligados ao gênero feminino não está fadada a ser um homem pelo resto da vida.

Sobre o biológico e outras dimensões que formam o ser humano, Costa explica que temos três abordagens básicas: além da biológica, a psicológica e a social, sendo assim

Essas três bases são inter-relacionadas e inseparáveis. A abordagem biológica nos diz que temos um corpo físico, que sentimos, que vemos, e que somos vistos. A abordagem psicológica nos remete a nossa mente, ao nosso psiquismo, as nossas emoções mais primárias, aos nossos afetos, aos nossos desejos, as nossas fantasias, aos nossos sonhos. O mundo social é o mundo que nos rodeia, povoado de outros seres, inseridos na natureza ou naquilo em que o homem a transformou, as cidades.” (1994, p. 2 e 3)

Nesta estrutura, o corpo contém o psicológico e está inserido nas relações com as outras pessoas, sendo assim não podemos pensar em uma dessas três abordagens de forma separada, já que o indivíduo não pode ser visto só pelo corpo, porque sem o psiquismo ele está morto. (COSTA, 1994) Refletindo sobre isso, podemos entender porque o corpo é também uma das partes mais importantes na vida da transexual sendo constantemente remodelado e construído, já que ele é a forma pela qual somos vistos, embora não signifique tudo por si só.

Por meio dos estudos de papéis de gênero conseguimos entender as expectativas que cada sexo detém e como as transexuais e travestis podem se portar frente a isso. Ainda segundo Costa:

“Papel de gênero nada mais é que o nosso comportamento frente às demais pessoas e

à sociedade como um todo. Nesse caso, temos "uma maneira de ser" masculina ou feminina. É preciso haver uma perfeita sintonia entre o que sentimos e nossa maneira de agir. Do contrário, surgirá um conflito entre a nossa identidade de gênero e o papel que desempenhamos. "O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume num momento específico, ou quando reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos [...]" (1994, p. 24)

As transexuais e travestis adotam o papel de gênero feminino no momento em que assumem a identidade de gênero que se identificam. Elas podem se inspirar em performances de corpo femininas, enfim, tudo aquilo que faz parte historicamente do universo feminino, para adequar-se a sua identidade. Esses papéis são estabelecidos pela sociedade, que dita uma linha comum que homens e mulheres devem seguir em termos de comportamento, no mundo a maior parte das relações é de gênero e pouco envolve a sexualidade propriamente dita. (COSTA, 1994, p.31).

A orientação sexual é também um dos fatores do desenvolvimento do indivíduo, mas não pode ser confundida com a identidade de gênero. A atração sexual das transexuais normalmente se volta para homens heterossexuais, como explica Laura Martendal.

O universo trans\* pode ser entendido dentro dos estudos de gênero, papéis de gênero e principalmente identidade de gênero, mas por si só é um universo singular que contém diversas denominações e diferenciações, como as que se fazem entre travestis, transexuais, dragqueens, entre outros.

## 1.2 TRANSEXUALIDADE, TRAVESTISMO E OUTRAS FORMAS DE TRANSGÊNERO

As identidades trans\* que estão destacadas neste trabalho são as figuras das travestis e transexuais. Além delas, existem outras identidades, como *dragqueens*, transformistas e *codedressers* que, de certa forma, utilizam-se de performances femininas, vestimentas e maquiagens, algumas vezes de forma exagerada, para incorporar uma aparência feminina. As identidades trans\* ainda são consideradas



patologias pela medicina, de acordo com Classificação Internacional de Doenças, que as categoriza como transtornos da identidade sexual<sup>1</sup>, mesmo com a luta dos movimentos trans\* pela despatologização destas identidades.

A distinção entre travesti e transexual ainda está muito ligada à cirurgia de mudança sexual, e não necessariamente à identificação de um indivíduo que nasceu de um sexo biológico com o outro sexo. Desta forma, a maioria dos estudos ainda diferenciam transexuais de travestis pelo desejo ou não de fazer uma mudança de sexo por meio de cirurgia. Entretanto, Sonia Maluf explica que a figura transexual transpassa por todas as identidades trans\*, como citado na introdução deste trabalho.

Maluf conceitua travestis como indivíduos que querem parecer mulheres, que têm esse sentimento dual de pertencimento aos dois gêneros e que começam uma transformação mais intensa no corpo. Essa transformação também é apontada por Borba e Ostermann ao relatar que

Grosso modo, travestis são indivíduos biologicamente masculinos que, através da utilização de um complexo sistemas de techniquesducors, moldam seus corpos com características ideologicamente associadas ao feminino.” Esse techniquesducors citado pelos autores, se refere especialmente a modelação do corpo por meio de ingestão de hormônios e aplicação de silicone. (2008, p. 410)

O desejo ou não de fazer uma cirurgia não nos parece tão fundamental quanto à identificação com o sexo oposto. Os processos pelos quais travestis e transexuais passam para copiar um modelo feminino, no que diz respeito ao corpo, com aplicação de silicone, ingestão de hormônios femininos e diversas técnicas mais superficiais como depilação, mostram que o desejo de ter um corpo que condiz com a identidade de gênero feminina pode ser um fator mais relevante que a cirurgia como um passo final. Laura Martendal relatou que sete entre dez de suas amigas transexuais, quando era prostituta, se identificavam com o sexo feminino, só não tinham o desejo da mudança do sexo biológico por meio de cirurgia, por determinados fatores, como veremos

---

<sup>1</sup><http://cid10.bancodesaude.com.br/cid-10-f/f64/transtornos-da-identidade-sexual>

adiante.

A cirurgia e mudanças corporais advindas por meio de ingestão de hormônios femininas é um dos passos mais fundamentais na transformação das transexuais como podemos ver, já que por meio dessa mudança elas se adequam ao que a sociedade espera de alguém que exerça um papel de gênero feminino.

### 1.3 CIRURGIA E MUDANÇAS CORPORAIS

Como já foi explicada, é muito importante a adequação do corpo ao sentimento de pertencimento ao gênero feminino. Segundo Larissa Pelúcia o que a cabeça sente é fundamental para as transexuais. Pelúcia ainda pontua que

É no corpo, enquanto território de significados sociais, que se materializa o gênero que a travesti deseja para si. A escolha de um estilo de roupa, dos acessórios, passando pela sistemática eliminação dos pelos até as sessões de aplicação de silicone líquido, vão dando forma não só ao corpo, mas promovem toda uma mudança moral como já frisei em diversos trechos deste trabalho.”  
(2009, p. 214)

Entre os procedimentos citados, os que alteram de forma mais definitiva o corpo das trans\* é a aplicação de silicone em partes do corpo como seios, bunda, coxa, mãos, ou em qualquer parte que para elas ainda exiba um traço masculino, e também a ingestão de hormônios femininos que altera a forma do corpo, sua voz e diminui os seus pelos. Esses procedimentos fazem parte do processo de transformar o corpo de acordo com o sentimento de pertencer ou se identificar com o gênero feminino.

A transformação não fica apenas nesses pontos, ela também passa por diversos outros como classifica Pelúcio (2009, p. 230) “Tornar-se/ser travesti exige toda uma rígida disciplina de cuidados corporais cotidianos que as levam a incorporar, literalmente, os valores dominantes sobre como deve ser o corpo, a roupa, os gestos, as cores e acessórios para cada gênero, num processo de longa e ininterrupta duração.”

Essa fabricação e adequação do corpo é explicada por Borba e

Ostermann (2008, p. 414) como a constituição da identidade social das trans\* e sua fabricação como pessoa. “O corpo travesti é treinado minuciosamente para adquirir características associadas às mulheres. Desde a maneira de mexer nos cabelos até as formas corporais, as travestis ostentam um complexo sistema de técnicas para a construção do feminino”.

Como podemos observar, não é apenas a transformação do corpo interna e externamente que está em desenvolvimento, mas também a assimilação de um conjunto de gestos, ou performances, considerados femininas, assim como também papéis do gênero feminino, como já discutidos, que são assimilados para a afirmação desta nova identidade.

Neste processo de construção e formação da nova identidade por meio do corpo, o uso de silicone industrial é um dos pontos principais. Entre os fatores que levam as transexuais a optarem pelo uso deste tipo de silicone, ao invés de um procedimento cirúrgico seguro, está o fato de que esta forma de aplicação é mais barata, como demonstrando por Larissa Pelúcio (2009). O fato de ser mais barato não é o único fator da utilização deste procedimento, Costa explica que

Como um serviço de saúde com essas características inexistente no Brasil, os travestis, para fazer cumprir sua necessidade de transformação, buscam meios clandestinos e perigosos. Eles se automedicam, fazem a aplicação de silicone para dar formas femininas ao corpo, e isso costuma trazer grandes problemas, com riscos para a saúde e para a sua própria vida. Apenas os travestis que dispõem de recursos têm condições de recorrer a um atendimento médico particular." (1994, p. 144)

A cirurgia nem sempre é realizada, terminando a transformação por completo. Entre os fatores que podem fazer uma trans\* decidir-se por não realizar a cirurgia está o fato de que o pênis também é um instrumento de trabalho para as que vivem da prostituição

O último ato da transformação parece ser a cirurgia de mudança de sexo. Mas nem sempre aqueles que fazem crescer os seios adotam a cirurgia. Muitos travestis

entrevistados por Hélió Silva, em seu livro *Travesti: a invenção do feminino*, contam que preferiram ficar com seu órgão genital masculino, mesmo depois de desenvolverem seios e contornos mais ‘femininos’. O pênis de um lado funciona como um trunfo no mercado sexual. (MALUF, 1999, p. 268)

Este tipo de caso também foi relatado por Laura Martendal, que explicou que nas ruas as prostitutas trans\* que não fizeram cirurgia faziam mais sucesso que as que haviam feito, já que a maioria dos clientes ia em busca delas por terem o órgão sexual masculino. Um grande fator que pode levá-las a realizarem a cirurgia é que ela pode facilitar em partes o processo de mudança do nome civil para o nome social, que tende a ser demorado, mesmo com a mudança de sexo. O nome é uma das principais identificações que temos na sociedade, a não utilização do nome com o qual as pessoas se identificam pode provocar consequências como as que Biancarelli explica:

Segundo a Organização Mundial da Saúde e alertas feitos por organizações ativistas, o uso do nome civil em lugar do nome social provoca enorme constrangimento para as travestis e transexuais. É considerada a principal causa de evasão escolar e do afastamento dessa população dos serviços públicos. (2010, p. 54)

Todos estes processos fazem parte da externalização do sentir-se mulher, da adequação, como já dissemos, ao que se espera desta identidade de gênero, já que o corpo preciso estar em sintonia com o sentimento de pertencimento ao gênero feminino:

[...] A ‘cabeça de mulher’ (dimensão íntima e ‘verdadeira’ do ser) pede um ‘corpo de mulher’ (dimensão física e social do ser). À essa adequação pessoal corresponde uma inadequação social. A sexualidade, no caso das travestis, seria o denunciador privilegiado dessa inadequação, que é assim entendida por não traduzir no corpo a coerência

esperada entre sexo genital, gênero e desejo. Os processos sociais que constituem esses sujeitos como abjetos são marcados por discursos que tomam o corpo como alvo privilegiado dos mecanismos e das relações de poder e, assim, instituem verdades sobre o que são esses sujeitos. (PELÚCIO, 2009, p. 235)

A maneira como as trans\* moldam o corpo é a forma de externalizar o sentimento de pertencer a uma identidade de gênero oposta ao do sexo de nascimento, mas não é só nessa transformação corporal que é revelado esse sentimento. A manipulação da linguagem e as dinâmicas sociais específicas entre os gêneros contribuem decisivamente para o processo que podemos chamar de construção e afirmação dessa identidade.

#### 1.4 LINGUAGEM DAS TRANSEXUAIS E TRATAMENTO ENTRE SI

A língua é um elemento que pode ser adequado as nossas necessidades e também pode servir como uma manifestação política daqueles que agem sobre ela e a manipulam. O fato de ela poder ser utilizada para o que desejamos expressar é um fator aliado na causa trans\* que, hoje em dia, já deixa explícito que a maneira como devemos nos dirigir a transexuais e travestis femininas é utilizando o artigo ‘a’ antes da palavra travesti ou transexual. Diversos autores, inclusive citados neste trabalho, ainda utilizavam o artigo ‘o’ para denominar as identidades trans\*, mas isso vem se modificando com o passar dos anos e estudos.

A linguagem é fundamental nesse processo porque é pelo meio social e das mudanças corporais que as identidades trans\* são reafirmadas. Portanto, a língua funciona como um agente neste meio social. Sobre a manipulação da linguagem, Hall (2006, p. 40) argumenta que “Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido, ser seus autores.” Dessa forma, transexuais e travestis podem usar a língua a seu favor, principalmente a portuguesa, por termos diferenciações de gênero, que distinguem o feminino e o masculino com

frequência.

A preferência pelo feminino, como já descrito, e a consciência da importância da língua nesse ativismo é relatado por Borba e Ostermann (2008, p. 418), que fizeram um estudo em uma comunidade de pessoas trans\* no sul do Brasil “as participantes da comunidade investigada têm consciência do poder da língua de (re)produzir e/ou (re)criar identidades. Além disso, também fica claro, [...] que é o feminino gramatical, e não o masculino, a escolha preferida para se referir às travestis.”

Borba e Ostermann relatam também nesse estudo, que o uso do artigo masculino ‘o’ ainda existe, especialmente quando as travestis se referem à vida antiga delas e a como as pessoas se referem a elas:

Embora as travestis estejam sempre prontas para corrigir aqueles/as que a elas se referem no masculino, visões sociais sobre travestis estão tão fortemente enraizadas que elas não são capazes de modificar esse fato em seu discurso. Assim, ao reportar opiniões de outras pessoas sobre as travestis, elas não desafiam os estereótipos de sua comunidade como sujeitos masculinos. (2008, p. 421)

A conclusão a que chegam é que esta manipulação gramatical é fruto principalmente por viverem nas fronteiras do gênero e incorporarem significados associados ao masculino, por meio de sua biologia, e ao feminino, por meio de sua nova identidade, adotando a dualidade não só nos corpos, mas também nos discurso, sendo assim elas podem explorar as duas faces descontínuas de sua identidade e fragmentar linguisticamente seus papéis sociais. (Borba e Ostermann, 2008)

O preconceito com transexuais e travestis e o desconhecimento sobre esse universo ainda parece ser o maior fator pelo qual a sociedade em geral ainda usa artigos masculinos para definir trans\* femininas.

## 1.5 PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

As pessoas trans\* sofrem um grande preconceito no cotidiano, como é relatado por diversas travestis e transexuais. O preconceito é demonstrando na falta de oportunidade no mercado de trabalho,

agressividade com essas pessoas e, muito frequentemente, a violência física. Dados do relatório da ONG internacional *TransgenderEurope* indicam que o Brasil é o país com o maior número de mortes de travestis e transexuais, em 2013 foram 486<sup>2</sup> mortes registradas. Outra pesquisa, do projeto TRANSpondo Barreiras, que entrevistou 663 travestis e transexuais detalha os números da violência e discriminação.

O preconceito social se revela de diferentes formas em diferentes lugares. 71,64% (475) das entrevistadas afirmam terem sofrido violência verbal; 52,04% (345) dizem que já sofreram algum tipo de violência física; 45,85% (304) asseguram que foram agredidas por policial; 35,75% (237) sentiram-se discriminadas no trabalho. Além disso, 33,93% (225) foram excluídas das atividades familiares; 25,94% (172) foram expulsas de um lugar público; 20,51% (136) foram forçadas a deixar o local onde moravam e 19,31% (128) foram demitidas do trabalho (2009, p.7)

A violência começa muitas vezes na família, durante a infância destas pessoas, não necessariamente uma violência física, mas uma violência psicológica ao não aceitar a identidade de gênero do familiar. Todos os tipos de violência que recebem da sociedade muitas vezes têm como reflexo a agressividade de algumas trans\*, que é justificada por Costa apontando justamente este preconceito e não aceitação destas pessoas por grande parte da sociedade.

Na medida em que a Medicina e a sociedade não aceitam essas pessoas e se comporta como se elas não existissem, os travestis se valem de todos os meios para garantir os seus direitos como seres humanos. Alguns se tornam violentos e agressivos para se defender, e as páginas

---

<sup>2</sup><http://www.efe.com/efe/noticias/brasil/sociedade/brasil-lidera-numero-mortes-travestis-transexuais-aponta-ong/3/2017/2226945>

policiais dos jornais estão cheias de casos dessa natureza. Na verdade, estão devolvendo à sociedade toda a carga de violência que recebem ao longo de suas vidas. (COSTA, 1994, p. 144)

Entre os efeitos do preconceito está a marginalização destas pessoas, como também podemos perceber ao analisar o mercado de trabalho para as pessoas trans\*. Costa (p. 144) aponta que quando a sociedade rejeita determinados grupos de pessoas, duas situações podem ocorrer: ou essas pessoas são marginalizadas ou mantidas em guetos. Dentro deste contexto, a prostituição pode ser vista como consequência do preconceito, violência e marginalização destas pessoas.

## 1.6 MERCADO DE TRABALHO PARA TRANSEXUAIS

As atividades tradicionalmente atribuídas para transexuais são aquelas que têm um apelo mais feminino e que normalmente não exigem um nível de qualificação muito alto. O preconceito fecha as portas para as transexuais e travestis, restando posições como as que Costa enumera:

Na medida em que a sociedade não abre espaço para pessoas de comportamento ambíguo, isso vai se refletir em todas as situações de vida e principalmente no trabalho [...] Para a sociedade, essas pessoas são "muito estranhas". As dificuldades tornam-se enormes, e é a sobrevivência que está em jogo. Restam, para os travestis, poucas e raras opções. Com esforço conseguem se colocar em ambientes tipicamente femininos, como salões de beleza ou ateliês de costura. Alguns, com mais sorte, empregam-se em hospitais como enfermeiros, ou em outras instituições, mas, nesse caso, exige-se que eles se comportem de acordo com o seu sexo biológico, ou seja, de forma masculina. Outros, talentosos, ingressam no meio artístico, e para muitos sobra apenas o caminho da prostituição. (1994, p. 141 - 142)



Esse caminho, quase inevitável para elas, é apontado em diversos outros estudos e etnografias que demonstram que é neste espaço que a maioria delas ganha a vida e também vai se formando como uma mulher. Maluf fala desta ligação entre prostituição e pessoas trans\*, destacando essa frequência de ligação da figura trans\* com a prostituição:

Os travestis, que na maior parte dos casos ganham a vida vendendo o corpo, são bastante identificados com a figura da prostituta. Seu território é a rua e a noite. De preferência ruas ou espaços marginais da cidade, com visibilidade apenas para aqueles interessados em utilizar seus serviços ou compartilhar alguma experiência. (MALUF, 1999, p. 264)

As ruas e os espaços de prostituição acabam por se tornar o *locus* no qual as transexuais e travestis vão formando a sua figura do feminino, principalmente por ser um ambiente no qual os seus corpos são extremamente explorados e exibidos. Como demonstrado anteriormente, a construção do corpo é fundamental, e nas ruas esse corpo novo é exibido. Sobre esta materialização do corpo novo, Pelúcio observa que “A materialização desse feminino tem, na rua e na prostituição, seu primeiro espaço de referências e possibilidades. No corpo de ‘homem’ vão sendo inscritas ‘coisas de mulher’, a partir de uma cuidadosa observação do feminino [...]” (2009, p. 233).

A ligação entre a construção do novo corpo com a prostituição é tão forte que nas trans\* que são prostitutas, normalmente as responsáveis pela aplicação do silicone, as chamadas “bombadeiras”, são cafetinas que também cuidam de pensões para trans:

A bombadeira é uma personagem central na vida das travestis. Ela detém o conhecimento do corpo, as técnicas para aplicar o silicone líquido e os cuidados necessários para se evitar efeitos colaterais. A bombadeira e a cafetina, figuras que por vezes confundem-se na mesma pessoa, ocupam uma ascendência na estrutura das relações internas às vivências travestis. Ela é a mãe, a que

cuida, protege, castiga. A família construída, deslocada de referências biológicas, tem suas regras. (PELÚCIO, 2009, p.22)

O caminho que muitas seguem, uma vez que entram no universo da prostituição, é o da migração que acontece com frequência, assim como relatou Laura Martendal, que mudou de cidade pelo menos dezesseis vezes e, por fim, se mudou para a Europa, como muitas travestis e transexuais brasileiras também fazem. Costa expõe essa situação de migração constante destacando o desejo das trans\* de voltarem ao Brasil.

Muitos travestis brasileiros partem para o exterior para trabalhar na prostituição ou no meio artístico. Hoje já disputam esse mercado de trabalho em países como Portugal, França e Itália. Quase todos desejam retornar um dia ao Brasil em melhores condições para aqui poder viver uma vida normal. (COSTA, 1994, p. 146)

São poucas as que conseguem romper com a barreira do preconceito e seguir uma profissão diferente ou conseguir uma escolarização maior. Até a entrada na universidade pode ser um problema ao se depararem com o preconceito, o nome social que muitas vezes não é adotado, entre outras dificuldades. Para driblar esse tipo de problemas, foi criado o site Transempregos, que divulga empregos especificamente para pessoas transexuais, uma iniciativa de três pessoas trans\* que estavam preocupadas com a questão da empregabilidade de trans\* no país. Apesar da iniciativa, dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais comprovam que atualmente 90% das transexuais e travestis no Brasil trabalham com prostituição.

## **2 ANÁLISE DE REPORTAGENS ENVOLVENDO TRANSEXUAIS E TRAVESTIS**

O corpus desta monografia são oito reportagens de programas policiais que são transmitidos pela televisão brasileira e que podem nos ajudar a entender como são retratadas travestis e transexuais neste tipo de programa. As reportagens foram escolhidas com base no tema e tipo de programa, levando em consideração o fato de serem recentes (de 2012 para cá) e também o fato de se entrevistarem mulheres trans\*. Consideramos as matérias aqui escolhidas significativas por apresentarem um material rico para introduzir o tema em foco e ideais para exercitarmos uma reflexão teórica, ainda que breve, sobre o assunto. A intenção não é construir generalizações sobre o objeto de estudo, mas oferecer pistas para o aprofundamento do tema.

O jornalismo policial pode ser enquadrado no formato de programas jornalísticos temáticos. Para José Marques de Melo o jornalismo policial pode ser definido como “aquele segmento jornalístico que focaliza o desempenho das instituições responsáveis pela administração das infrações legais dos cidadãos.”. Deve seguir portanto, alguns dos critérios que temos para selecionar as notícias, seguindo os princípios éticos do jornalismo, se pautando no inédito, próximo, interessante e relevante. Para Wolf apud Vizeu os valores/notícia – critérios para apurarmos um fato – no telejornalismo são derivados de algumas considerações como

- a) às características substantivas das notícias, ao seu conteúdo (diz respeito ao acontecimento em notícia); b) à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo (diz respeito ao conjunto dos processos de produção e realização); c) ao público (a imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários); d) à concorrência (diz respeito às relações entre os mass media existentes no mercado informativo).
- (2005, p.83)

Mas o jornalismo policial tem suas peculiaridades, desde a forma como são produzidas as matérias, até a performance dos apresentadores, que muitas vezes se tornam mediadores e opinam sobre as matérias apresentadas. A história do jornalismo policial não é difícil de ser analisada, porque segundo Godoi (2007, p.12) “A falta de bibliografia a respeito do jornalismo policial tem dificultado o estudo sobre sua origem e suas características. De acordo com Gomes (2005), os repórteres de polícia eram formados nas próprias redações, numa espécie de transmissão oral de tradições e conhecimentos.”

Os telejornais policiais não são populares apenas em pequenas cidades, mas também nos grandes centros urbanos do país e esta popularidade pode ser um dos motivos que justificam que grande parte de suas reportagens encontram-se disponíveis na internet, especialmente no site Youtube, onde foram selecionadas as reportagens aqui analisadas. Muitas delas tornaram-se, inclusive, virais na internet. Estas foram escolhidas por relevância na pesquisa online, usando termos como “travesti + programa policial” e “cidade alerta + travesti”. O programa Cidade Alerta foi um dos selecionados tendo em vista sua acentuada audiência e tema de diversas pesquisas empíricas.

O motivo de se estudar essas narrativas audiovisuais neste trabalho se dá especialmente pelas razões que Motta (2012) aponta

[Há] duas razões para se estudar as narrativas: 1) *compreender quem somos, como construímos nossas autonarrações a respeito do nosso próprio ser no mundo;* 2) *entender como representamos e instituímos narrativamente o mundo; como os homens criam representações e apresentações simbólicas do mundo no qual atuam, e às quais cada vez mais retroagem.* Compreender, enfim, como instituímos representativamente o mundo e nele performativamente atuamos. (MOTTA, 2012, p. 23)

No caso das reportagens analisadas, se aplica o segundo

motivo, entender como criamos representações do mundo. O próprio conceito de representação social de Moscovici afirma que a comunicação é uma forma de construirmos as imagens que temos dos outros e de outros grupos, mais um motivo para entendê-las e analisá-las.

Os meios de comunicação de massa aceleram essa tendência (mudanças que pensamentos devem conter para penetrar a realidade comum), multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar (MOSCOVICI, 2003, p. 48)

Moscovici problematiza essa relação de meios de comunicação de massa e representações sociais afirmando que nesta relação o senso comum opera como uma ideologia. (2003, p. 96), mas isto será visto com mais detalhes adiante.

Nas matérias aqui analisadas será levado em conta o conteúdo das reportagens e também a atuação dos apresentadores dos programas, que costumam tecer opiniões sobre os casos apresentados, quando estes aparecerem. Para Oliveira (2008) os apresentadores mediam a relação do programa com telespectadores, entrevistados e todos os envolvidos na elaboração do programa, sendo ele a “cara do programa” e o primeiro que estabelece um pacto com a audiência. Tendo em vista este papel que os mediadores representam, vamos analisar, nos dois casos que eles aparecem, o seu papel na construção da narrativa.

As reportagens aqui avaliadas demonstram como em geral as travestis e transexuais são apresentadas nestes programas jornalísticos, como as entrevistas são conduzidas e como o texto jornalístico junto

com a imagem formam essas narrativas que ajudam os telespectadores a tirarem conclusões sobre o que é problematizado nas reportagens.

## 2.1 REPORTAGENS ANALISADAS

### *1- Travesti nega ter matado policial*

Esta matéria tem como foco principal explicar a história do assassinato de um policial, da qual a travesti apresentada é a principal suspeita. O repórter narra utilizando o masculino para travesti, sempre se referindo como ele, “o autor do crime” e “bastante alterado o travesti” são algumas das expressões que o repórter usa. Outra amostra desse tratamento é o fato de que o nome usado é o masculino e em nenhum momento é citado algum nome social feminino que a travesti possa usar. A travesti ressalta na sua fala que é uma pessoa de bem, que apenas usa crack (ressaltando que essa é sua única ‘falha’) e neste momento vemos que ela utiliza termos femininos para se denominar “sou tranqüila, só sou usuária de crack”. A travesti aqui não é tanto o foco principal, mas sim o assassinato. Essa matéria foi exibida no programa TV Tribuna, do SBT de Vitória no Espírito Santo, ela tem duração de 2m57s e 3120 acessos no Youtube.

### *2 - Polícia fecha prostíbulo de travestis em Goiânia*

O foco nesta é a prisão de uma travesti que administraria um suposto prostíbulo. Novamente travestis tratadas com o masculino. A dona do prostíbulo é chamada pelo nome civil e não por seu nome social e não aceita dar entrevista sobre as acusações de administrar um prostíbulo e de aliciar menores. Em uma entrevista com a delegada ela começa se referindo à acusada como homem e logo após utiliza o feminino, então a repórter faz uma pergunta utilizando o masculino e a delegada volta a responder como se a travesti fosse um homem. Na entrevista de uma das travestis é dado o crédito com o nome social de Paula. Pelo que a travesti descreve, o local seria uma pensão, como várias outras existentes. Acreditamos nisto, porque essas pensões são normais no universo trans\*, como narra Pelúcio (2009, p. 50) “A seção final se inicia com a entrada na casa/pensão da cafetina, espaço que se coloca em oposição à casa paterna muito mais do que em contraste com a rua. As “casas” são administradas por cafetinas, que podem ser

também “mães” e são, quase sempre, cuidadoras.” Pelúcio ainda explica que essas casas têm regras e que são lugares de disciplinamento. A reportagem e a polícia indicam o local como prostíbulo, afirmando que as travestis sofriam ameaças da cafetina, a travesti Paula nega e avisa que no local nunca faziam programas. Isso mostra o desconhecimento do universo por parte da reportagem, que em nenhum momento levanta essa possibilidade, apenas repete o que a polícia diz e não se locomove até o local que supostamente é um prostíbulo para apurar melhor o fato. A repórter faz perguntas pertinentes, mostra uma apuração mediana, porém falha ao ignorar determinados aspectos do universo trans\* que tem suas diferenças com o cotidiano que estamos acostumados a ver noticiado. A reportagem foi ao ar pelo programa Capital Urgente, da rede TV Capital Goiânia, sediada na capital de Goiás, a duração é de 3m20s e tem mais de 74 mil visualizações na rede.

### *3 - Programa com travesti termina em confusão quando cliente se nega a ser passivo*

Matéria um pouco mais longa que as outras com 5m56s, que relata uma suposta tentativa de uma travesti fazer o cliente ser o passivo na relação sexual, levando o cliente a reagir agredindo a travesti com uma garrafada. A introdução, dada pelo apresentador do programa Marcos Lima, já mostra o tom que será dado para a matéria, ele começa falando os nomes completos dos envolvidos e chamando a travesti pelo seu nome civil, dando ênfase a idade dela, 42 anos, mas não citando a idade do agressor. A seguir vem um ponto que consideramos fundamental ressaltar devido a importância do mediador: ele reage de forma debochada à suposta tentativa de passividade falando “Olha só gente, condição de passivo, pelo amor de Deus” e em seguida diz, sem nenhuma indignação aparente “Travesti violentamente agredido à garrafadas.”.

O primeiro entrevistado é o policial que contextualiza a situação, antes disso o repórter fala que “o” travesti tentou violentar o acusado. A entrevista a seguir é com o acusado que demonstra estar muito nervoso, não conseguindo articular frases com muito sentido, além de estar completamente ensangüentado e chorando. Repórter pergunta “Você confunde sempre homem com mulher?”. Rapaz admite usar cocaína, mas diz que não cheira faz dois anos. Um dos pontos altos da matéria é quando o repórter pergunta ao acusado se ele está arrependido do que fez e ele diz que não, então o repórter fala “Você fez

isso para defender sua honra de homem?” e o acusado responde afirmativamente batendo no peito. A travesti do caso não é entrevistada porque foi levada pelo SAMU, outra travesti é entrevistada e nos créditos da reportagem usam seu nome social, Talita. A primeira pergunta é por que as travestis costumam ser agredidas e Talita explica que muitas vezes os clientes não querem pagar, então o repórter se refere novamente a outra travesti como o travesti e pergunta se eram amigos, ao que ela responde afirmativamente. A última entrevista é com um atendente do SAMU que relata o estado da vítima. Nesta reportagem vemos uma grande inversão de valores, onde a vítima é mostrada como algoz, em nenhum momento há outra versão sobre o que aconteceu dentro do quarto, já que a travesti está ferida sem poder se pronunciar. Entretanto, nem o repórter levanta essa alternativa. Nas entrelinhas o que fica entendido é que a violência é justificada pela defesa da honra, mesmo quando se percebe claramente que o acusado está fora de si e não consegue nem responder a uma pergunta direito. Esta matéria foi exibida pelo programa Rota 22, do canal TV Diário, auto intitulada a TV do Nordeste, o caso aqui apresentado se passa em Fortaleza no Ceará e o vídeo possui mais de 250 mil visualizações.

#### *4 - Travesti é abusado e deixado na mão*

O motivo desta reportagem é o fato de que uma travesti fez um programa com dois homens e não recebeu o pagamento, o repórter utiliza uma linguagem extremamente informal e faz uma reportagem com um tom mais debochado. Ele começa falando o nome civil da travesti e depois completa com “Mais conhecido como Débora, nome de guerra”. Em seguida, acontece uma contextualização da situação, o repórter pergunta o que aconteceu e ela explica contando que dois rapazes chegaram prometendo dinheiro, mas que depois não pagaram o programa e que “sobrou para ela”. Há divergências na versão da polícia que diz que eles estavam armados, mas a travesti nega. O repórter então pergunta “Menino, onde você estava com a cabeça em pegar dois homens de madrugada?” no que a travesti responde que durante a madrugada ninguém olha quem é quem, que lhe prometeram uma quantia em dinheiro e ela aceitou o programa. O repórter faz perguntas que não têm foco na situação, pergunta se ela canta, dança e se a família a aceita. No que ela responde que a família a aceita, o repórter pede para ele falar para as outras travestis morrerem de inveja no que ela responde “as outras bichas que morram de inveja, a minha família me aceita.”. No final da reportagem, close no corpo todo da travesti, um movimento de



câmera de cima a baixo, neste momento a travesti vira e a câmera foca a parte de trás de seu corpo e volta para cima. Este vídeo se tornou famoso porque travesti diz que “adorou ser estuprada”, mas o caso é que ela aceitou fazer um programa e não recebeu seu pagamento ao final. Porém, há algo mais fundamental que é mostrado nas imagens e em nenhum momento é explicado: a travesti está usando algemas, sendo que o caso relatado na reportagem é de um calote na travesti e o repórter não explica em momento algum o porquê disso. Matéria superficial que não conversa com polícias, não busca mais fontes e se mostra apenas como um deboche mesmo. Ela ganha este aspecto viral porque a travesti aceita fazer piadas que o repórter propõe, como a da aceitação da família e para as “bichas morrerem de inveja”, dá piscadas para a câmera, interage com o repórter usando frases de efeito que possuem uma repercussão de comédia e usa da sua linguagem corporal e linguagem oral para marcar uma posição performática, como se estivesse atuando ao dizer frases como “Nem te conto o que eu faço querido”. Reportagem com 3m03s de duração, exibida pelo programa Maringá Urgente, da Rede Massa, afiliada do SBT no Paraná e possui mais de 600 mil acessos no Youtube.

### *5 - Polícia investiga morte de mais um travesti em Curitiba*

Reportagem sobre assassinato de uma travesti e que contextualiza informando que outra travesti tinha sido assassinada recentemente em outro bairro da cidade. A narração fala “um travesti conhecido como Patricia”, novamente o uso do nome social, mas usando o artigo masculino ao se referir a travesti. A única entrevista é com o policial, que se refere as duas travestis com o feminino e utilizando o artigo feminino. Este policial mostra um conhecimento parcial do universo trans\*. Na fala dele destacamos o momento que ele diz que pouco foi apurado no local do crime, pois estava frio, chovia e não havia ninguém que pudesse falar, mas a reportagem mostra a imagem de três pessoas, entre elas uma travesti, chorando e nenhuma das três foi entrevistada. O policial diz que se preocupa com essa situação de dois assassinatos de travestis em tão pouco tempo, falando que conhece essas pessoas e como elas trabalham, mas aqui entra um ponto importante, ele dá ênfase em “mas elas vivem em um mundo de risco, o da prostituição”. Não são apuradas as possíveis causas ou acusados. A grande falha nessa apuração é também não citar que boa partes das travestis são assassinadas por preconceito e nada é citado. Matéria curta,

de apenas 1m49s, transmitida pelo programa 190 da Rede CNT e possui 2500 visualizações na internet.

#### *6 - Travesti fica sem pagamento e arma barraco na frente de motel*

Tratada como o travesti novamente, esta reportagem mostra um diferencial importante em relação às demais, embora seja sobre um tema comum no mundo da prostituição: a falta de pagamento acordado pelo programa. Única reportagem que dá mais espaço para a travesti falar, fazer um desabafo e fazer questionamentos sobre sua situação. A travesti está sem blusa, apenas com sutiã, saia e sem calçado. Ela relata que a polícia desliga o telefone na cara dela, que uma viatura veio e não resolveu a situação e que há um grande descaso com as travestis. O repórter pergunta se ela estava fazendo o trabalho dela, no que ela responde “Sim, que nem você tá fazendo o seu e qualquer outro.”. Entre algumas das falas das reportagens, destacamos “Eles vem, eles debocham da nossa cara e tudo isso fica assim? Você acha justo isso?”. Reportagem abusa das imagens da travesti andando pelada e de imagens de baixo pra cima do corpo, mas em nenhum momento entrevista a polícia sobre este descaso com a travesti. Com 2m51s de duração esta reportagem também é do programa 190 da Rede CNT, mas possui um número bem maior de visualizações em relação a anterior, mais de 60 mil acessos.

#### *7 - Vanessa Ji-Paraná RO*

Uma reportagem que se dispõe a relatar um caso mal esclarecido sobre o acordo do pagamento de um programa que teria sido combinado, mas não foi feito. O repórter começa falando “aqui está O detido, que prefere ser chamado de Vanessa. Homossexual que prefere ser chamada de moça”. A entrevistada assume para si a identidade de homossexual. Ela é a primeira entrevistada e o repórter começa fazendo perguntas para contextualizar a situação, no que Vanessa responde explicando o que havia sido acertado entre as partes e o que ocorreu em seguida. O repórter faz perguntas supérfluas que mais parecem deboche “Rodou a baiana ?” e “Soltou a franga?” são algumas delas que demonstram a falta de profundidade da matéria e o risível a que pretende remeter a condição da travesti. Não por acaso tal matéria, postada no youtube, adquiriu as características de viral. O risível, nesse contexto, pode ser interpretado como uma forma de acentuar os preconceitos que envolvem esse universo. Em seguida o homem é entrevistado e entre

outras afirmações ele fala “Sou um homem, não sou um cara sem vergonha como ele” se colocando sob uma perspectiva hierárquica, acima da travesti por ter algo que podemos novamente intitular de honra. O entrevistado que fez um programa com a travesti Vanessa afirma que isso é mentira, colocando Vanessa em uma posição masculina para justificar porque não fez um programa com ela “Não faço programa com homem não”. Nesse momento um movimento de câmera enfatiza o corpo de Vanessa de baixo para cima e termina com uma iluminação no seu peito direito, que ela, ironicamente, exhibe. “Que home rapa, eu sou muie” nas palavras do entrevistado foi o que Vanessa disse, frase essa que atesta o que mostramos aqui, que as travestis não se veem como homens e sim muito mais perto de uma figura feminina. Outro movimento de câmera pegando o corpo todo dela e no final outro close no corpo. Aqui não vemos a figura do policial sendo entrevistado, mas sim um destaque para Vanessa que foi entrevistada duas vezes, transformando-a em personagem central da matéria, provavelmente em função de sua performance irônica e de corresponder às intenções de explorá-la imageticamente, reforçando algumas imagens mais genéricas que as audiência têm do universo das travestis. Reportagem veiculada pelo programa *Plantão de Polícia*, que vai ao ar pelo SBT de Rondônia, com 6m16s de duração essa é a matéria com mais visualizações dentre as analisadas, com mais de quatro milhões de acessos.

#### *8 - Cidade Alerta investiga os travestis de São Paulo*

A mais longa das reportagens analisadas aqui, com 8m47s, se propõe a apresentar a rota da prostituição em São Paulo. Com oito minutos de duração, a matéria fala da relação da prostituição com o mundo das drogas, mostrando prostitutas oferecendo drogas aos clientes. O repórter entrevista uma travesti e, novamente, se refere a ela como o travesti. Repórter narra “Conversamos com vários travestis”. Ele vai de bairro em bairro onde a prostituição é comum e mostra prostitutas em seu local de trabalho, sem grandes aprofundamentos. As perguntas enfatizam o valor do programa e a relação com o mundo das drogas, o destaque vai para as que se prostituem e que também conseguem “pó” ou maconha. As imagens são de uma câmera escondida e focam quando possível o corpo todo, enfatizando que elas usam muitos decotes e roupas provocativas, mas borram os rostos das entrevistadas. No final o repórter conclui falando que a Ordem dos Advogados do Brasil diz que a lei não proíbe que essas pessoas se prostituam, mas que isso não diminui o risco de mulheres e travestis nas ruas de São Paulo. Logo após

o fim da matéria, o apresentador, Marcelo Rezende, tece um comentário sobre a reportagem comentando que aquilo que foi mostrado era muito pouco perto do que realmente acontecia, descreveu sobre outros lugares que possuem prostituição, afirmando que homens deixam de levar dinheiro para casa por causa da prostituição. Neste momento ele comenta sobre a história de uma travesti que ele usou como fonte e que descobriu que havia passado AIDS para um grande empresário, ele afirma que “o travesti só quer se cuidar”, demonstrando novamente o desconhecimento das preferências destas pessoas, ao referir-se a travesti como “ele”. A matéria foi ao ar pelo programa Cidade Alerta, da Rede Record, programa muito popular entre os de jornalismo policial e possui mais de 12 mil visualizações no Youtube.

## 2.2 RELAÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS E CONSTRUÇÃO DO DISCURSO

As reportagens analisadas têm vários pontos em comuns, enumerados a seguir.

### *a) Uso do masculino para se referir a travestis*

Todas as reportagens analisadas, sem exceção, se referem em algum momento as travestis usando artigos masculinos, especialmente por parte dos repórteres. Em apenas uma matéria a repórter é uma mulher, em todas as outras são homens e todos empregam o masculino para designar as fontes. Falas como “o homem”, “o travesti”, “nome de guerra” e outras expressões menosprezando o nome social delas, falando que é apenas um nome sem crédito, foram comuns nestas matérias. A linguagem, como já demonstrado anteriormente, é fundamental na construção da identidade da transexual ou travesti. Nas reportagens, esse uso do masculino para atestar que se tratam de homens vestidos de mulheres, de algo bizarro e não natural, contribui para reforçar a ideia de que aquelas pessoas não estão dentro do que é aceitável como normal.

As imagens em si não constituem toda a narrativa, as palavras utilizadas são fundamentais na construção desta. “Na verdade, é incorreto achar que a imagem dispensa a linguagem verbal porque esta está sempre a pontuar a primeira, delimitando seus espaços, constringendo-a a um significado dominante.” (MOTA, 2012, p. 207).

Desta forma, mesmo mostrando alguém com formas femininas, se referindo a si mesma como mulher, em alguns casos, aqueles que constroem os textos das narrativas são autoridades no que diz respeito ao que está sendo mostrado, portando a voz que relata o que acontece é quem dita o que está certo e o que está errado. A mensagem transmitida é justamente a suposta inadequação das transexuais e travestis no que diz respeito à sua identidade.

*b) A maioria das personagens é prostituta*

As trans\* são grandes vítimas da violência, principalmente por preconceito, como já demonstrado, mesmo assim, apenas uma das reportagens fala sobre duas trans\* que foram assassinadas e sem ao menos se apurar o que pode ter acontecido, banalizando o caso com uma suposta vida de risco que as travestis levam, justificando assim os acontecimentos. Quando o oposto ocorre, na primeira matéria analisada, na qual uma travesti é acusada de assassinar um policial, o caso é todo esmiuçado e apurado para levar a informação mais explicada possível aos telespectadores.

As variedades de violência contra trans\* não são mostradas em nenhum dos programas apresentados, onde em geral elas estão no universo da prostituição e em sua maioria são as antagonistas ou de alguma forma se tornam as antagonistas da notícia. Mesmo em uma das duas únicas notícias em que a travesti não é mostrada como antagonista, na matéria onde é expulsa do motel, ainda assim ela é mostrada em uma situação de completo menosprezo pela polícia e até mesmo pela produção da reportagem que foca várias vezes em seu corpo.

Em nenhuma matéria há uma grande variedade do universo das personagens, mas especialmente não há mudança no tratamento ou aprofundamento sobre as questões mostradas, como veremos a seguir.

*c) Falta de aprofundamento nas matérias*

Pelo jornalismo policial se tratar de casos de polícia, obviamente elas são entrevistadas em reportagens em que algum tipo de crime, infração ou má conduta estejam envolvidas. Entretanto é deixado de forma clara nas reportagens como é feito o tratamento mesmo quando as mesmas são vítimas.

O desconhecimento do universo trans\* se mostra em algumas das reportagens quando os repórteres demonstram falta de entendimento sobre as situações, ou até mesmo apuração falha sobre a situação das travestis e transexuais. A generalização começa nesta falta de informação e apuração. Apuração esta que se mostra de forma muito superficial especialmente em algumas perguntas dos repórteres que, por vezes, reproduzem um jornalismo mais voltado para criar virais na internet do que para informar.

Entendemos que reportagens televisivas mais curtas podem acabar por tornarem-se mais superficiais, mas percebe-se em algumas reportagens que o objetivo não é esse aprofundamento, especialmente quando as perguntas são como as demonstradas. “Você solta a franga?” “Você canta?” “Você sempre confunde homem com mulher”. Em nenhum caso é mostrado o lado mais humano delas, nem mesmo na que se diz aceita pela família, algo raro no universo trans\*.

O senso comum aqui é explícito e o preconceito com certas formas de expor as sexualidades que fogem da heteronormatividade também. O caso mais icônico é o do apresentador que ironiza a suposta tentativa de uma travesti de ser a ativa em uma relação, quando no final ele não demonstra nenhum sentimento de indignação ao relatar que a travesti foi gravemente ferida por esta atitude.

Entre os vários problemas identificados nas apurações consideramos importante destacar três. A primeira é na reportagem número quatro, na qual o repórter em nenhum momento informa por qual motivo a travesti está algemada. Ela claramente está alterada e ele se contenta apenas em fazer perguntas superficiais tentando tornar engraçada a situação em alguns momentos. Outra falha nas apurações é a do repórter da matéria número cinco que não conversa com possíveis testemunhas do caso de assassinato da travesti, se contentando com o discurso policial. A última falha destacável é a da matéria número seis, na qual o repórter não entrevista nenhum policial, nem mesmo para perguntar sobre o descaso denunciado pela travesti.

#### *d) A invisibilidade trans\**

Algo que podemos perceber dessas reportagens é que as travestis e transexuais são seres abjetos, assim como Larissa Pelúcio esclarece “Quanto à analogia queer à qual me referia há pouco, esta

pode ser pensada a partir de algumas propostas teóricas feitas por Butler, como a “imaterialidade” associada à “não-humanidade” que pesa sobre aqueles tidos como estranhos e/ou anormais ” (2009, p. 206). Consequentemente tornam-se seres invisíveis. Nestas matérias apresentadas, quando são as principais vítimas, mal são mostradas outras travestis, ou imagens que as humanize. Seja um parente, alguma amiga travesti ou alguma colega de profissão.

Vemos na matéria número dois, sobre o suposto prostíbulo, que elas são filmadas no chão, sentadas, com os rostos borrados e uma delas é entrevistada brevemente. O próprio espaço que lhes é dado nas reportagens, ficando em sua maioria como fontes no final da matéria, demonstra a importância que é dada quando são fontes primárias nas matérias. Na reportagem número três vemos que o espaço que é dado para o acusado é muito maior ao espaço dado para uma amiga da vítima e ele é tratado mais como vítima do que a própria travesti que sofreu uma lesão grave.

Essa inversão de valores mostra como o senso comum opera nestas reportagens, concluindo que em qualquer caso quem está errado é quem está fora da normatividade que a sociedade considera aceita. Isso já seria um motivo suficiente para se subentender que a culpa é sempre de quem está fora do padrão aceitável. Até na reportagem sobre assassinato das travestis, o caso é justificado por elas viverem em um mundo de risco.

## 2.3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM AS NARRATIVAS EXAMINADAS

Entre os elementos que estruturam as narrativas existem alguns que são fundamentais para entender a construção delas e a que elas se propõem. Não cogitamos aqui analisar minuciosamente cada detalhe destas reportagens, apenas o geral delas e o que representam em um contexto mais amplo de significação do universo em questão. Sobre os elementos a serem analisados, Mota contextualiza e destaca

Entendendo narrativa como uma forma de construção da realidade (Motta, 2005), podemos dizer que a narrativa da notícia

na TV é uma articulação específica da linguagem que encobre práticas de codificação - visuais ou verbais - produzindo efeitos de real, naturalizando os acontecimentos que são narrados para o leitor com todos os elementos de uma narrativa: personagens, conflitos, desfechos, cenários. Como a notícia na TV é duplamente codificada, é preciso observar sempre a relação que existe entre dois códigos, o visual e o verbal. ( 2012, p. 208)

O principal objetivo é analisar as etapas e elementos que constituem essas narrativas, como elas são empregadas nas reportagens analisadas e qual a importância destas na construção das narrativas. A seguir vamos examinar a apuração, filmagem, relação do texto com a imagem e edição final para compreendermos mais adiante quais são as representações sociais de transexuais e travestis nos programas policiais.

### **2.3.1 Apuração e filmagem**

Para produzir uma narrativa adequada, com coerência, sentido e que siga os critérios de relevância de uma notícia precisamos começar com uma boa apuração e no caso das narrativas audiovisuais uma boa filmagem, para depois selecionarmos as melhores cenas que retratam o que desejamos transmitir. De acordo com Mota (2012, p. 209) “Uma boa filmagem de um acontecimento tem, portanto, que disponibilizar os principais elementos da notícia, como os personagens envolvidos, o local, o contexto deste local, e os objetos de cena que tenham relação com a notícia.”

Neste quesito podemos perceber que em várias das reportagens os objetos de cena são os que mais se destacam: armas que aparecem, dinheiro, fotos, notebooks, corpos no chão, a maioria inanimado. Quando passamos a analisar o local e o contexto deste local percebemos que ou o local é a rua ou a delegacia, novamente justificado pelo fato de programas policiais em geral terem seu local de acontecimento na delegacia. Mas aqui podemos perceber que em alguns casos, como no do prostíbulo seria interessante uma visita ao local para contextualizar



para os telespectadores do que se tratava. Talvez uma simples ida ao local e conversas com pessoas que lá vivem ou que vivem nos arredores levantaria a dúvida se aquilo era um prostíbulo ou apenas uma pensão de travestis, hipótese aqui levantada.

Destacamos que em geral há a autoridade policial falando, mas que no único caso que há uma travesti fazendo uma denúncia do descaso policial, nenhum policial é ouvido e sua denúncia não é levada adiante. Questionamos, assim, qual o envolvimento deste tipo de fonte (policiais) com estes programas, já que muitas vezes a forma como repórteres sabem das notícias é porque têm informantes nas delegacias. Em geral boa parte das reportagens torna-se problemática por não trazer todas as fontes que poderiam estar envolvidas com as notícias, deixando as narrativas incompletas.

### **2.3.2 Relação entre texto e imagem**

As narrativas audiovisuais dependem de uma relação coerente entre imagem e narração para fazer um sentido para o telespectador. Dessa relação espera-se que o texto fale o que a imagem representa e mais do que isso, se necessário, complementando-a. Sobre isso, Mota esclarece que

É por meio desta interação entre texto e imagem que se constrói a notícia do telejornal. É uma interação que será tanto mais completa se não forçar uma hegemonia do texto sobre a imagem, mas se trabalhar sob a forma de complementaridade. Ou seja, as imagens são uma fonte de inspiração para a construção verbal. A palavra, por sua vez, confere à imagem uma interpretação. Se o texto verbal, ao organizar a narrativa do acontecimento, produz um sentido dominante para o fato, a imagem, por sua sintaxe narrativa, vai gerar uma maior polissemia. (MOTA, 2012, p. 207)

Nas reportagens apresentadas a relação texto/imagem

demonstra um conflito entre o texto e a imagem, especialmente quando algumas delas são ignoradas. Por exemplo, no caso da reportagem número quatro, a travesti é mostrada algemada, como indicamos, e em nenhum momento é esclarecido o porquê, algo fundamental na construção da narrativa. Outro fator que demonstra que o texto se sobrepõe as imagens é quando os locais extras que poderiam sanar possíveis perguntas das reportagens são ignorados e não são mostrados.

A importância da narração sobre a imagem é que ela por si só pode representar vários fatos como explica Mota (2012, p. 214) “Onde existe imagem há sempre uma polissemia que se evade e invade nosso imaginário. É uma leitura que pode ser feita de forma variada por diferentes pessoas com diferentes olhares culturais.”. Diante disto, mostramos a importância de uma narração coerente, fruto de uma apuração e seleção de imagens adequada com o contexto do que se é noticiado.

O olhar do repórter e do cinegrafista torna-se fundamental pois é por meio dele que será transmitido para o telespectador o que foi visto e a partir disto é feita a intermediação das notícias para o telespectador. A imagem é o referencial que constrói um determinado ponto de vista sobre a realidade, como exposto por Mota

Há uma narrativa televisual que se desenvolve em torno, e tendo a imagem como referência, que constrói um determinado ponto de vista sobre a realidade. Por isso, pode-se dizer que a narrativa da TV é uma narrativa híbrida, ou semiótica, onde textos, palavras, e imagens contribuem e reforçam um argumento principal. E terminam por se tornar referências históricas guardadas na memória coletiva. Nem sempre, porém, a imagem pode ser um indicativo referencial confiável. (2012, p. 200)

Dentre as escolhas feitas pelos movimentos de câmera, achamos necessário destacar os closes dados em certas reportagens. A importância se deve, como Mota (2012, p. 208) descreve porque “Os

movimentos de câmera ajudam a construir a narrativa fílmica. Eles refletem o olhar que dedicamos a um determinado assunto. Quando usamos o *close*, estamos examinando um determinado objeto com mais atenção, estamos fixando o olhar.” Percebemos aqui que o olhar está fixo nos rostos dos personagens que são masculinos nas reportagens e no caso das travestis está disperso pelo corpo, focando ora do busto para cima e em outros momentos um movimento de baixo para cima apresentando o corpo todo.

A imagem não é prova incontestável de nada “O recurso da imagem parece ser a prova definitiva, insofismável, do discurso político que se constrói em torno da cena. É um discurso, porém, que apaga circunstâncias, personagens ocultos, épocas.” (MOTA, 2012, p. 200-201). Pensando nesta reflexão de Mota, podemos novamente afirmar que personagens não foram entrevistadas, especialmente quando afirmamos da invisibilidade trans\* e circunstâncias não foram mostradas, quando identificamos alguns problemas na apuração jornalística.

É importante destacar que “Cultura não é um objeto puro, mas sempre um produto híbrido. Composto de elementos que nos chegam pelos sentidos. Especialmente pelo olhar. O olhar vem antes da palavra. [...] O olhar é um ato de escolha. Somente vemos aquilo que escolhemos para olhar.” (MOTA, 2012, p. 198) e é neste ato de escolha que os repórteres e cinegrafistas exercem todos os elementos expostos neste subcapítulo, atuando de forma fundamental na transmissão do que foi visto, portanto não devem ser ignorados.

### 2.3.3 Edição final

A edição final é responsável por escolhas, cortes, adequação da imagem com o texto e produção final da reportagem. Deve-se analisar com cuidado uma reportagem, levando em consideração os pontos levantados por Motta para avaliá-la como adequada

Dessa maneira, um relato ‘bem formado’ (que contém verossimilhança) estabelece: 1) um final a explicar, um significado a alcançar; 2) seleciona e exclui eventos relevantes para chegar a esse ponto final; 3) dispõe os eventos em uma sequência ordenada para este fim (quase sempre

linear); 4) proporciona uma estabilidade de identidade em que personagens e objetos possuem uma identidade contínua e coerente; 5) cria signos de demarcação para indicar o princípio e o final. Esses critérios, entretanto, ficam dependentes de contingências históricas e culturais para criar um sentido de realidade. (GERGENapud MOTA, 2012, p. 26)

Entre as reportagens analisadas percebemos que no quesito um, um final a explicar, é feito por todos, porém com contextualizações que deixam a desejar e que implicam em dificuldades para os receptores analisarem adequadamente as situações. No quesito dois, as reportagens mostraram inadequação, pois algumas excluíram informações que seriam relevantes para o contexto. O terceiro, o quarto e o quinto ponto são seguidos adequadamente pelas reportagens expostas. Portanto, a verossimilhança das reportagens, do ponto de vista de Gergen, pode ser contestada, já que não seguem todos os pontos adequadamente.

A edição final, ou como Mota descreve, montagem final, é responsável pela forma como vamos ler as imagens representadas

A montagem final vai adequar todos estes elementos, definindo que imagens ilustram narrativas verbais, como usar os depoimentos dos personagens, e que trechos das imagens podem ficar apenas com sua sonoridade particular. Todos estes elementos estão unidos pelo que Barthes chama de *ancoragem*, uma forma de interação na qual o texto indica o enquadramento ou forma de leitura da imagem. [...] uma imagem é verdadeira ou mentirosa não devido ao que representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito sobre o que representa. (MOTA, 2012, p. 207)

Uma imagem depende da representação, neste caso narração, que nós é posta sobre ela, portanto dependemos da mediação de repórteres, cinegrafistas e apresentadores para compreender e interpretar o que nós é transmitido.

### **3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NOS PROGRAMAS EXIBIDOS**

#### **3.1 O QUE SÃO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

O conceito de representação social foi introduzido por Serge Moscovici em 1961 quando este fez um estudo inovador sobre como a psicanálise penetrou no pensamento popular na França. Moscovici assim define representações sociais:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI apud MOSCOVICI, 2003, p.21)

As representações sociais são fundamentais para nos comunicarmos. Elas servem para tornar a comunicação possível, mas também são frutos desta mesma comunicação. Moscovici considera estas representações como uma forma de conhecimento da nossa era, sendo este o ponto que o diferencia de outros intelectuais anteriores a ele como Durkheim.

Em um contexto contemporâneo, consideramos as representações fundamentais para entendermos como construímos as representações do mundo e como reproduzimos esse senso comum, já que podemos considerar as representações sociais como esse pensamento social conhecido como senso comum. Como já citamos, as representações adentram no nosso cotidiano por meio da comunicação. Duveen apud Moscovici explica

Elas (representações sociais) entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos. Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (DUVEEN Apud MOSCOVICI, 2003, p. 8)

As representações sociais estão presentes a todo momento, facilitando as nossas comunicações, “Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos” (MOSCOVICI apud MOSVOCICI, 2003, p. 10) e são produtos dessa interação e comunicação. Elas nos ajudam a perceber o mundo como ele é e a categorizar objetos, grupos e pessoas.

[...] em primeiro lugar, elas (representações sociais) convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2003, p. 34)

Dentro do universo das representações sociais, entendemos que elas podem funcionar igualando ideias a imagens, como explica Moscovici (2003, p. 46) “Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem.” A partir disto

entendemos como o senso comum é construído, já que uma imagem é imediatamente ligada a uma representação.

Sobre o senso comum criado pelas representações sociais, observamos que ele opera de forma importante dentro do convívio social, especialmente dentro dos meios de comunicação que mediam as informações “As experiências de vida das pessoas são cada vez mais mediadas, elas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações virtuais e discursivas da realidade.” (MOTTA, 2012, p. 28). O senso comum pode ser entendido como uma forma de compreendermos o mundo, como as representações sociais o são. Motta explica como construímos esse senso comum compartilhado

Ao ordenar suas ideias em pensamentos coerentes em busca de significados, os sujeitos encadeiam as relações possíveis na forma cronológica ou causal, estabelecendo provisoriamente um antes e um depois, um antecedente e um consequente, uma causa e uma consequência, até chegar ao senso comum compartilhado. (MOTTA, 2012, p. 27)

Para entendermos melhor como o senso comum opera dentro das reportagens analisadas e também nas demais, precisamos compreender como a comunicação atua dentro do universo das representações sociais.

### 3.2 COMO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO AJUDAM A CONSTRUIR O SENSO COMUM

A comunicação possui um papel importante na construção de representações e sua sustentação, como vimos no capítulo anterior. Entendemos que estudar as narrativas neste campo é fundamental também, baseado nas observações de Motta que esclarece

Estudar as narrativas como representações sociais pode ensinar muito sobre as maneiras através das quais os homens constroem essas representações do mundo

material e social. Grande parte dessas representações mentais se estrutura na forma de narrativas, tanto nos relatos interpessoais, conversas do cotidiano, os testemunhos, cartas, relatos de sonhos, piadas, canções, contos, filmes, videoclipes, reportagens, histórias de povos ou nações. (MOTTA, 2012, p.30)

Outra observação pertinente sobre os estudos de narrativas para entendermos representações sociais é a de que “[...] precisamos estudar as narrativas por uma segunda razão forte: *compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo*. Representar é colocar algo no lugar do outro, criar um símbolo que é tomado como o próprio outro.” (MOTTA, 2012, p. 28). As narrativas, portanto, exercem o papel de criar estes símbolos para representar algo. As narrativas aqui analisadas são entendidas como produtoras de símbolos e representações de transexuais e travestis que vão ser assimilados por diversas pessoas que irão tomar essas representações como base para suas conclusões sobre os temas e personagens apresentados. Mais do que isso, entendemos, baseados nos estudos de Moscovici, que os responsáveis por produzir essas narrativas são os responsáveis por criar essas representações, considerando que

Muitas representações provêm de trabalhos profissionais que se dirigem a esse público ‘amador’; eu estou pensando em certos pedagogos, em popularizadores da ciência e em determinado tipo de jornalista (Moscovici, 1961/1976), cujos escritos tornam possível a qualquer um considerar-seum sociólogo, economista, físico, doutor ou psicólogo.(MOSCOVICI, 2003, p. 92)

Há que se observar também que tais narrativas estão em diálogo, e muito frequentemente de acordo, com um conjunto mais amplo de representações que existem na sociedade acerca desse universo. As relações que temos e criamos com outras pessoas também



são frutos dessas representações. Relações de poder e hierarquias também são revalidadas por meio das narrativas as quais constantemente assistimos.

No Brasil, a televisão tem sido um espaço público de interpretação da realidade brasileira a partir das representações visuais do nosso cotidiano e dos brasileiros por meio da publicidade, da novela ou do telejornalismo. Essas imagens alimentam o nosso imaginário e representam uma interpretação cultural e histórica da nossa contemporaneidade. Como narrativa, as imagens constituem um discurso que interfere na realidade, constrói e reconstrói relações sociais e relações de poder. (MOTA, 2012, p. 213)

Compreendemos que as narrativas possuem um papel de mediador dessas relações, mas isso não seria possível sem as imagens que cotidianamente nos são apresentadas. As imagens possuem um valor e um significado imenso já que “[...] são representações da realidade que guardam semelhança com algumas qualidades dos referentes, seja na forma ou na cor.” (MOTA, 2012, p. 203). Neste ponto consideramos importante retomar o fato de que as imagens não falam por si só nestas narrativas

Há uma naturalização do que se vê pela TV devido à força das imagens, mas não se deve perder de vista que o texto da televisão, mais do que outro texto, é um lugar de conflito de significados. Sua narrativa semiótica, que mantém a imagem submetida a um texto verbal, tenta impor sentidos, que, muitas vezes, promovem uma ideologia dominante. (MOTA, 2012, p. 214)

Aqui entra o papel do mediador, daquele que está narrando, construindo e levando essas narrativas para o público. Ele tem suas

próprias representações do mundo, seus valores, ideologias e não podemos ignorar tudo isto, já que as nossas representações são isso, como explica Moscovici apud Mota (2012, p. 29) “As representações que continuamente construímos são na verdade um sistema de valores e ideias coletivos, embora contraditórios, que permitem às pessoas estabelecer uma ordem sobre o caos para nomear, classificar e controlar o mundo material e social.”.

Neste processo de nomeação e classificação, as reportagens aqui analisadas exercem um papel significativo no sentido de reafirmar categorias e hierarquias, impondo o olhar que direcionam para os assuntos representados, como podemos entender, baseados ainda com Mota (2012, p. 213) “Neste sentido, os meios de comunicação e seu papel como mediadores e visualizadores das práticas sociais e culturais do país, terminam por impor um certo olhar sobre a nação, a partir da organização do seu texto semiótico e dos seus processos produtivos.”

Diante disto, consideramos importante que a pluralidade de personagens e que suas diferenças sejam respeitadas, para que falsas representações, incompletas ou infundadas não sejam apresentadas, já que essas narrativas produzem valores para as pessoas que as assistem, como explicado por Mizoeff (apud MOTA, 2012, p. 199) “Publicidade, televisão, filme e outras mídias visualizadas comprometem a vida cotidiana numa cultura de *commodity* que demanda o nosso olhar para gerar valor para alguém mais.”.

As narrativas audiovisuais são tão importantes para entender este contexto de representações sociais porque além de proporcionar as imagens do cotidiano ela os alia com o texto que é outra forma de linguagem, igualmente responsável pela formação destas representações, como entendemos das afirmações de Mota (2012, p. 203) que explica: “[...] falar de representação é o mesmo que falar de linguagem. A linguagem da imagem, assim, como outra linguagem qualquer, é um sistema de representação.”

Para entendermos melhor o contexto das narrativas dentro da contemporaneidade, consideramos importante ressaltar o que Motta (2012, p.30) elucida “Nesta corrente intelectual sobre como os homens constroem o seu próprio mundo, [...] as narrativas não representam simplesmente a realidade: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidade humana.”, ou seja, as

narrativas se propõem a ser uma representação da realidade, mas possuem um papel maior que este, o de constiur a realidade que vivemos, afinal, por meio das representações que nos são apresentadas diariamente calcamos nossos valores, fundamentamos os nossos julgamentos e baseamos nossas relações com os outros, como entendemos dos estudos de Moscovici.

Com tantos estudos sobre o tema representações sociais, consideramos relevante compreender como as representações funcionam no universo das narrativas que tratam de transexuais e travestis já que estas fazem parte de um universo invisível para o restante da sociedade e também porque “A representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e disseminado entre membros de uma cultura, mas este não é um processo direto ou simples, como possa parecer.” (HALL apud MOTA, 2012, p. 204) por isso é tão importante entendermos como estas representações estão sendo constituídas nestas narrativas, por mais que este seja um tema que possa gerar diversas interpretações.

### 3.3 COMO SE DÁ A REPRESENTAÇÃO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NOS PROGRAMAS ANALISADOS

Por meio da interpretação das reportagens analisadas conseguimos ter uma breve noção de como travestis e transexuais são representadas nos programas policiais da televisão brasileira contemporânea, mas para termos uma visão mais completa deste universo de representações, precisamos compreender como os elementos das narrativas estudadas correspondem aos estudos de representações sociais e como podemos percebê-las neste contexto.

Para começar a entender a relação destas narrativas com as representações sociais, podemos recorrer ao esclarecimento de Moscovici (2003, p.58) “Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos - duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. - são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou o que nos dá um sentimento de não-familiaridade.”. Partindo deste ponto, observamos que as narrativas têm um papel de transformar o universo incomum das travestis e transexuais em algo que é familiar. Para que transformemos algo em familiar, utilizamos mecanismos chamados de ancoragem e objetificação, como explicado por Moscovici

Não é fácil transformar palavras não-familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário, para dar-lhes uma feição familiar, pôr em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas. [...]O primeiro mecanismo tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. [...] No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela. (2003, p. 60-61)

Podemos perceber que mesmo quando trazidas para a superfície do visível, do notável e do noticiável a categoria em que são colocadas continua sendo a categoria do invisível, do não mostrado, do não explicado. A feição familiar que lhes é posta, ou seja, a ancoragem que é feita, normalmente é a do universo homossexual, como podemos inferir das reportagens em que elas são colocadas como homossexuais, quando na verdade, como já demonstrado, elas possuem uma identidade de gênero feminina, portanto, se relacionam com homens que não são considerados homossexuais. Podemos presumir que essas características são associadas a elas porque como Moscovici esclarece

Todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e pré-ocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irreabilidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós - é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real; (2003, p.56)

Esse incômodo que o universo trans\* causa por ser quase uma ficção para aqueles que não têm contato com ele explica porque as narrativas precisam associar conceitos já aceitos e compreendidos a elas para que os seus telespectadores as encaixem em uma categoria que já assimilam. Neste ponto, entendemos que as narrativas falham ao não explicar de forma mais profunda, na medida do possível, as peculiaridades do universo trans\*, já que “Predomina cada vez mais a ideia que o mundo no qual o homem vive é um mundo de segunda mão construído pelo pensamento, no pensamento, e que a consciência é intencional.” (MOTTA, 2012, p. 30) e neste mundo de segunda mão a comunicação e especialmente os meios de comunicação de massa, como a televisão, possuem o papel de transmitir a visão da “primeira mão”.

Os narradores das imagens que nos são transmitidas, repórteres e cinegrafistas, fazem parte deste mundo de primeira mão e percebem o mundo também por meio de um imaginário social coletivo, que atua na construção das representações sociais. No que tange o pensamento social Moscovici infere que

[...]a conclusão tem prioridade sobre a premissa e nas relações sociais, conforme a fórmula adequada de Nelly Stephane, o veredicto tem prioridade sobre o julgamento. Antes de ver e ouvir a pessoa, nós já a julgamos; nós já a classificamos e criamos uma imagem dela. Desse modo, toda pesquisa que fizemos e nossos esforços para obter informações que empenharmos somente servirão para confirmar essa imagem (2003, p.58)

Aqui percebemos que em muitos casos é exatamente isso que acontece: as entrevistas servem apenas para confirmar imaginários previamente concebidos. Especialmente quando vemos perguntas vagas, quando vemos o repórter sem reação quando a travesti da reportagem número seis diz estar fazendo o seu trabalho como o de qualquer outra pessoa. São vários os pontos em que percebemos que o repórter e cinegrafista não buscam outras versões, quando a imagem e conclusão

que eles pré conceberam já está confirmada em suas narrativas incompletas. Isso causa uma representação negativa do universo trans\* ao nosso ver, já que

[...] representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. A neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica. (MOSCOVICI, 2003, p.62)

Nesta escala hierárquica apresentada por Moscovicia invisibilidade aqui constatada das transexuais e travestis comprova que elas ocupam em geral o nível mais baixo na hierarquia das fontes entrevistadas. Ainda para comprovar isso, podemos retomar o ponto em que demonstramos que elas são fontes por vezes ignoradas, não somente no sentido de não serem ouvidas, mas no sentido de não serem levadas a sério. Concluimos pelas reportagens observadas que as palavras das outras fontes em geral ganham mais credibilidade dentro das reportagens pesquisadas.

Os indivíduos representados nas narrativas, mesmo quando familiares, não são completamente compreendidos por aqueles que produzem as reportagens analisadas, considerando que

Nós não podemos dizer que conhecemos um indivíduo, nem que nós tentamos compreendê-lo, mas somente que nós tentamos reconhecê-lo, isto é, descobrir que tipo de pessoa ele é, a que categoria pertence e assim por diante. Isso concretamente significa que ancorar implica também a prioridade do veredicto sobre o julgamento e do predicado sobre o sujeito. Tais decisões são geralmente conseguidas por uma dessas duas maneiras: generalizando ou particularizando. (MOSCOVICI, 2003,

p.64)

Para transmitir o que absorvem dos indivíduos que representam por meio das narrativas é necessário que os produtores destas particularizem suas histórias e não as generalizem, como o que habitualmente acontece. Isso é importante porque

Generalizando, nós reduzimos as distâncias. Nós selecionamos uma característica aleatoriamente e a usamos como uma categoria [...]. A característica se torna, como se realmente fosse, co-extensiva a todos os membros dessa categoria. Quando é positiva, nós registramos nossa aceitação; quando é negativa, nossa rejeição. Particularizando, nós mantemos a distância e mantemos o objeto sob análise, como algo divergente do protótipo. (MOSCOVICI, 2003, 65)

A característica nessas reportagens é a homossexualidade, que não é sequer uma característica real das personagens apresentadas. A ideia de que são homens homossexuais que se fantasiam de mulheres, e mais, fantasiam que são mulheres, no entendimento dos narradores, é o que nos é transmitido. Se nas narrativas apresentadas se tivesse optado pela particularização, teríamos histórias mais ricas, completas e condizentes com a realidade daquelas pessoas.

Isso é fundamental porque “[...] todos os nossos ‘preconceitos’, [...] somente podem ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da ‘natureza humana’ e assim por diante.” (MOSCOVICI, 2003, p.66) e neste ponto entendemos que o preconceito aqui não revelado, mas deixado claro na desinformação e desinteresse por histórias fundamentais, é passado adiante, por meio das representações que as narrativas sugerem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reportagens estudadas podemos perceber detalhes além dos esperados pela hipótese desta monografia. Quando propomos pensar este tema, acreditávamos que as transexuais e travestis costumavam ser entrevistadas especialmente em matérias que as vinculavam ao universo da prostituição. A repetição deste tipo de reportagem traria uma visão negativa das mulheres trans\* aqui apresentadas. Mas analisando pormenorizadamente as narrativas selecionadas, percebemos pontos que por vezes podem passar despercebidos em uma leitura mais simplista ou sem atenção.

Em sete das oito reportagens estudadas as entrevistadas estão sim no universo da prostituição, o que consideramos algo relevante, no entanto mais importante que isto é o fato de que são ignoradas, ou seja, secundarizadas como fonte nas reportagens, como apontamos em diversos tópicos ao longo deste trabalho. Isso pode ser fruto da generalização e desconhecimento com o universo e com as expectativas que a sociedade cria em torno desses sujeitos.

Um dos pontos que passam despercebidos em uma análise breve é a invisibilidade destas pessoas. Nós observamos o que nos é apresentado e tiramos conclusões daquilo que nos é descrito. Se não somos apresentados a uma diversidade de personagens, consequentemente não descobrimos a complexidade de tipos de indivíduos que existem na nossa sociedade. Quando ignoramos algo, não os trazemos para a superfície do visível, estamos excluindo e isolando pessoas, que rotineiramente acontece com transexuais e travestis. Essa exclusão social, como observamos, também acarreta em poucas oportunidades de emprego e preconceito que gera uma violência muitas vezes brutal contra essas pessoas.

O ponto em comum em todas as narrativas aqui apresentadas é o desconhecimento do universo trans\* demonstrado ao nominar as travestis por artigos masculinos em todas elas e em algumas categorizando-as como homossexuais. Elas não são homossexuais pelo que podemos perceber, afinal todas aparentam estar envolvidas com homens. Elas são transexuais e travestis que têm uma identidade de gênero feminina singular, portanto a sua atração por homens é condizente com o que classificamos como heterossexualidade. Essa visão também é fruto do desconhecimento do universo trans\* e falta de diferentes perspectivas sobre o assunto, o que poderia ser feito particularizando as histórias dessas pessoas e suas entrevistas.



Esse ponto em comum em todas elas é fruto da invisibilidade social, que como vimos é reproduzida em uma invisibilidade nas reportagens. Isto gera outros pontos comuns que devem ser analisados e repensados. O fato de que todas as reportagens têm apurações superficiais quando se trata das transexuais e travestis demonstra por vezes uma falta de credibilidade dessas fontes, que são desconsideradas por motivos diversos, endereçando-as ao universo do risível, como em um dos casos analisados.

Entendemos aqui que estas narrativas conseguem representar uma realidade de exclusão e invisibilidade social das transexuais e travestis e não caracterizam a sua realidade mais profunda e diversificada. Não dão voz e credibilidade a estas pessoas como dão a outras fontes que consideram ter uma posição hierárquica superior e uma confiança maior. Compreendemos, especialmente a partir dos estudos de Moscovici, que a mídia tem um papel fundamental em como representamos e absorvemos a realidade ao nosso redor. Se ignoramos nos meios de comunicação de massa os diferentes tipos de indivíduos que temos na sociedade, ou se concedemos um tipo de tratamento debochado e preconceituoso, corre-se o risco de incentivar que outras pessoas reproduzam esse tipo de comportamento, mesmo sem que elas entendam e tenham uma compreensão mais ampla que estão fazendo isto. Neste aspecto, cabe ressaltar que o jornalismo exerce um papel fundamental de mediador entre a diversidade de universos representados em suas narrativas e o receptor, atuando de forma decisiva na dinâmica dessas relações.

## REFERÊNCIAS

BIANCARELLI, Aureliano. **A diversidade revelada**. São Paulo: Grupo pela vida, 2010.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 409-432.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.

EFE. **Brasil lidera número de mortes de travestis e transexuais, aponta ONG**. Disponível em <<http://www.efe.com/efe/noticias/brasil/sociedade/brasil-lidera-numero-mortes-travestis-transexuais-aponta-ong/3/2017/2226945>> Acesso em: 25 de jun. 2014.

GODOI, Larissa. **Cobertura policial: Reflexões sobre os programas televisivos Linha Direta, Brasil Urgente e Barra Pesada como produtos de entretenimento**. Brasília, 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Centro Universitário de Brasília, Brasília.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LAGO, Maria Coelho de Souza. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, Alcione Leite da et al. (Orgs.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 119-129.

MALUF, Sônia Weidner. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: SILVA, Alcione Leite da et al. (Orgs.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 261-275.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Policial**. Revista Pj:Br Jornalismo Brasileiro. Disponível em <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1\\_c.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1_c.htm)> Acesso em: 26 de jun. 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTA, Célia Ladeira. A narrativa semiótica da imagem. In: MOTA, Célia Ladeira et al (orgs.) **Narrativas Midiáticas**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p.197-215.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas? In: MOTA, Célia Ladeira et al (orgs.) **Narrativas Midiáticas**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 23-32.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira**. Tv e Realidade, Salvador, 2008. Disponível em <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf>> Acesso em: 26 de jun. 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: FAPESP, 2009.

SILVA, Hélio R.S.; FLORENTINO Cristina de Oliveira. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Maria Regina (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1996. p. 105-118.

SVS/MS, Departamento Nacional de DST, Aids e Hepatites - et al. **Projeto transpondo barreiras: rede de saúde, cidadania e prevenção das DST/HIV** Disponível em <<http://www.transpondott.com.br/blog/blogs/media/blogs/blog/Docs/PERFIL.pdf>> Acesso em: 25 de jun. de 2014.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Recife, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.



## **CORPUS**

**Travesti nega ter matado policial.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T3oCuqX8VGc>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Polícia fecha prostíbulo de travestis em Goiânia.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJufJza8IDM>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Programa com travesti termina em confusão quando cliente se nega a ser passivo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z8pFExoraYg>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Travesti é abusado e deixado na mão.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VKKas8s16TA>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Polícia investiga morte de mais um travesti em Curitiba.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hwmjhVoiNEg>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Travesti fica sem pagamento e arma barraco na frente de motel** <<https://www.youtube.com/watch?v=QymqnQNAcD4>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**VANESSÃO JI-PARANÁ RO ( Cidade: Ji-Paraná, Estado: Rondônia ).** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OjdFsDo3hjY>> Acesso em: 24 jun. 2014.

**Cidade Alerta Investiga os Travestis de São Paulo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4cXa9E5UjDo>> Acesso em: 24 jun. 2014.

